tante *P/C — poder* e *comunicação* — implica assim um sistema complexo de produção e reprodução, a partir de variáveis diversas que se interligam, como sejam, a ideológica, a económica, a política, etc.

Da exposição demasiado descritiva do autor, denotando falta de conceptualização, poderemos destacar três ideias que particularmente o ocuparam:

A comunicação não é simplesmente a actualização dum código. O conceito de língua de JAKOBSON como um conjunto de subcódigos, constituídos a partir das regras de transformação do código central, permite-nos já pensar a actualização da língua, não monolítica, pela utilização social dos actores num determinado contexto. SCHAEFFER analisa especialmente a articulação do processo de produção de mensagens com a decisão política dominante.

O poder de comunicação apoia-se orgânicamente em instituições — aqui a O. R. T. F. — aparelhos que permitem a inculcação permanente dum sistema de ideias, controlada por grupos sociais em relação de força — aqui pelo grupo social dominante, constituíndo a instituição um aparelho de Estado.

A produção de mensagens responde a uma procura económica para a obtenção dum lucro; a instituição aparece-nos também como uma empresa «industrial».

Manuela Meneses

VERCAUTEREN, Paul — *Les Sous-Prolétaires* — Les Editions Vie Ouvrière, Bruxelas, 1970, 201 pp.

Se o campo de análise que o autor circunscreve é o sub-proletariado, a questão basilar que desenvolve é a da sobre-determinação do ideológico no conjunto das práticas daquela camada social.

O conceito de sub-proletariado emerge de um todo conceptual estruturado cujos principais vectores o autor retira de L. ALTHUSSER, isto é, da interpretação elaborada por este último com base nos textos de MARX afirmados da maturidade. De registar que aquele conceito surge contraposto ao de «lumpen-proletariado», configurado pelo MARX voluntarista como «racaille en haillons, [...] pourriture inerte des couches les plus basses [...]», «[...] tout ce monde qu'on appelle les classes dangereuses». Está-se portanto numa linha de análise de recusa sistemática da concepção que vê as classes e as camadas sociais como essências, cuja natureza social e determinação da história lhes conferem a especificidade das suas acções e dos fins visados. Retenha-se então o conceito de subproletariado com que o autor opera: camada social específica que, 1) reside em meio urbano, o que, para a caracterização do tipo de representação-do-mundo que lhe é inerente, é nuclear; 2) se encontra separada dos meios de produção, o que implica a necessidade de «trocar» força-de-trabalho por um salário, «troca» esta que, contudo, 3) realiza de forma extremamente irregular.

Estriba-se este ensaio na seguinte hipótese principal: o proletariado e o sub-proletariado são produtos diferenciados no plano da sua situação no processo de produção da civilização industrial e urbana. Se o primeiro, pelo menos contemporâneamente, não se pauperiza, o segundo situa-se marginalizado por via de não se encontrar integrado naquele processo de produção. Tornado assim incapaz de cooperar na actividade produtiva, remete-se para uma participação nos processos sociais, fundamentalmente através da prática do consumo, que por sua vez agencia a dinâmica de assimilação/identificação das singulares representações — imagens que relevam dos quadros ideológicos dominantes. Daqui decorre a particular situação de a-revolucionariedade que o sub-proletariado veicula e reproduz.

São três as partes que este ensaio articula, bem assentes no firme propósito de devolver ao leitor as várias etapas de verificação da hipótese.

Na primeira, carreia os materiais de base, ainda no plano das generalidades, enformadores da problemática abordada. Analisa os motins ocorridos nas grandes cidades americanas assinalando as determinações que lhes estão na origem no quadro do conceito-bússula de pauperismo. Explicita este conceito em MARX que o utilizou para aludir a duas categorias de agentes sociais, aos proletários, expulsos do processo de produção por razões imputáveis no específico movimento de evolução das infra-estruturas económicas, e aos «lumpen», aqueles que não se encontram insertos num trabalho regular. Esta parte do livro termina com uma re-

ferência às relações da prática sociológica com o obstáculo normativo, evidenciando alguns dos «recuos» necessários para a efectiva construção do texto científico.

A segunda parte, a maior da obra, assume-se na directriz «compreensiva», procurando P. VERCAUTEREN definir um «ideal-tipo» de sub-proletariado, por meio, evidentemente, da alavanca indutiva. É de sublinhar a finura da elaboração levada a cabo à custa de textos auto-biográficos citados. A distância do sub-proletário ao contexto público, em especial ao mundo do trabalho, o seu recolhimento na esfera do privado e, consequentemente, o seu isolamento dos outros, coordenadas produtoras da ficção interiorizada e justificadora «il est celui qui travaille en cherchant un travail»; a «cécité culturelle», não-objectivação da realidade circundante, produzida pelo mecanismo da recusa compensada e gratificante, pela qual o sub-proletário «apropria» sem apoiar, negando a derrota e, em consequência, a possibilidade de a equacionar. São estes alguns dos temas fulcrais que nesta segunda parte o autor trata exaustivamente.

A terceira pretende-se de cunho explicativo, dedutivo. Depois de mostrar e criticar «a interpretação de uma sociologia do sujeito» (LUKACS, GOLDMANN), P. VERCAUTEREN desenha o quadro conceptual althusseriano, pondo em evidência os eixos maiores de uma sociologia que vê as classes e as camadas sociais como suportes das estruturas. Em referência a este quadro, põe o problema: como é que a civilização industrial determina o sub-proletariado? É porventura neste ponto que a explicação falha, por via de uma análise insuficiente do lugar do sub-proletariado na reprodução das condições materiais de produção. Em seguida, o perfil da «conscience sociale mélancolique» é traçado e analisadas, em referência a esta consciência, as implicações decorrentes da identificação com as «imagens» provindas dos aparelhos ideológicos dominantes. *Les sous-prolétaires: essai sur une forme de paupérisme contemporain,* trabalho de investigação cuja leitura atenta sugerimos fortemente.

Eduardo de Freitas

ANSHEN, Ruth Nanda e outros — *A Família Sua Função e Destino* — Lisboa, Editora Meridiano, 1971.

Estamos perante um conjunto de textos escritos por sociólogos, psicólogos, antropólogos e filósofos de Universidades norte-americanas, textos coordenados por R. Nanda ANSHEN e que abrem com a seguinte epígrafe: St.º AGOSTINHO, *A Cidade de Deus,* livro XIX, cap. XVI, «A família humana constitui o início e o elemento essencial da sociedade. Qualquer início tende para um fim da mesma natureza, e qualquer elemento tende para a perfeição do conjunto de que esse elemento é parte. É evidente, por isso mesmo, que a paz na sociedade deve depender da paz na família, e que a ordem e a harmonia dos governantes e dos governados brotam directamente da ordem e da harmonia que nascem da direcção criativa e da resposta proporcionada no seio da família» (se compararmos com estas palavras de St.º AGOSTINHO determinadas passagens dos textos dos autores funcionalistas da presente colectânea, quase nos apetece nomeá-lo patrono do funcionalismo).

Os textos foram distribuídos por duas partes — na primeira. intitulada «Os tipos», reunem-se trabalhos de natureza descritiva sobre a família em vários países (América do Norte, América Latina, Rússia, China, África Negra e Islão), incluindo breve história daquela instituição com referência, nomeadamente, à transformação do tipo de relação marido-mulher e pais-filhos, escolha de cônjuge, formas de casamento, possibilidades de *controle* de nascimentos e de divórcio e correspondentes modificações nos códigos civis.

A segunda parte, intitulada «A estrutura», consta de doze textos, metade dos quais são de índole jornalístico-moralizante, constituindo, no entanto, documentos informativos (sem que seja essa a intenção dos autores) sobre uma dada leitura ideológica acerca da família, patente, por exemplo, nas seguintes afirmações de R. Nanda ANSHEN (cap. 24 — «A conservação dos valores da família»): «[...] a família é uma entidade integral e indispensável na vida do homem; a presente crise do matrimónio e da família é o preverso triunfo de uma paixão profanada [...]; a dissolução da família moderna corresponde à gradual profanação do mito fundamental que lhe conferia significado e santidade, e que agora é convertido em mera